

# O ECHO DO NORTE.

JORNAL LITTERARIO, CRITICO, E NOTICIOSO.

SERIE 1.

DOMINGO 7 DE ABRIL DE 1867.

N. 1.

Publica-se es Domingos, a 12000 réis por uma serie de quatro numeros.

AS ASSIGNATURAS SEMPRE PAGAS ADIANTADAS.

## O ECHO DO NORTE.

PORTAEEZA, 7 DE ABRIL DE 1867.

Es que mais um novo atleta, faz ecoar as suas vociferantes ondulações em defesa da pobre região do norte, então oprimida pelo poder despota, da mão do algoz atroz.

Esta região que ainda tão tenaz já sabe contar a tristíssima lenda do sofrimento pela perseguição, jamais tem desfrido, sequer a mais leve e q' reixa, contra seus cruéis e mordazes exatos.

E, se lá tula por fortes e pesadas perseguições, tem soltado algum grito de angustia, jamais é ouvido esse desalentado grito, preñado de goffrimentos e acarretado de atrocidades, que ecoa na boca de seus filhos, captivos de um dos mais tyranos Senhores, que tomão um dos primeiros assento no carro magistral do universo.

Oh! que fez compungir, ainda mesmo os corações mais duros e afincados ao crime da atrocidade, esses cruéis tormentos, que soffrem estes bravos lidadores e defensores de seu torrão natal!

O norte, tem sido o ludibrio das mais perversas calunias, que um governo cheio de cynismo e barbaridade lhe tem imposto.

A razão e consciencia não só pelos brasileiros tyrantizados, como por todas as potencias estrangeiras, e a sua solução, é facil de ser deluzida.

O norte, que perstoso, tem at-

lendido aos reclamos da patria, que dizem, ultrajada por um dos mais vis sevandijas da alta aris trocacia, com sua caterva de vis pithons perseguidores da civilidade humana, é que tem ganho a mais mesquinha insignificante e vergonhoza das pagas? De um governo que proclamava a sua boa recuperação? De um governo que se diz constitucional? De um governo que finalmente se diz morigerado e acencioso? De um governo que recupera aos que lhe tirão da pice, satpicada de lama, a noitua vergonhoza, que lhe podia adquirir o triste e lamentavel epitaphio = GOVROB = com as mais famigeradas atrocidades e preseguições, na-ua mais se ue e admejar; e já que nada devemos esperar, sacada-se este jugo falçario, que nos jurando e, nos vai escravizando; pois nao se pode viver despido de esperanga no futuro.

E se o nosso futuro é o abysmo, devemos fazer todo o possivel para na horda d'elte, não chegarmos, pois enegados que sejam, facil é a nossa precipitação.

Mas os martyres sempre toção ao seu zenith final, quer pela liquidação com a morte, quer pela continuação com a vida.

E o dia final para os martyres das nortistas plagas brasileiras, ha de chegar! E breve!

Sim! breve ha de raiar no ori sonte do Brasil, esse dia cino de gloria, trazendo a faustosa noticia da = LIBERDADE = para o povo brasileiro.

E então que todos verão com alegria nas faces, sorriso nos labios e descanso no constante coração, e finalmente com a arma da defesa em punho, o dia da remuneração para todos, e prosperidade para a patria.

E então, terão por talisman dois nomes, que ganharão cobertos de flores de gloria, a custa de suas vilas, e de inumeras jorradas de sangue.

Mas que importa ser tão clara a bandeira que nos assegura a conservação da liberdade?

Que importa! E gloria para o povo que innoculou camadas de annos, soffrendo, sem jamais desfruir a mais pequena queixa contra seus antropophagos, ter hoje em punho, o pendão de seus antigos avós Timbiris, Tabajaras, Tapinambás, Tupis etc. etc.

Oh! meu Deus, fazei raiar esse dia de tanta gloria para o hospitaleiro lar brasileiro.

Fazei com que seus filhos, possam occultar a vergonhoza perseguição, que soffrerão seus irmãos, as viúdeiras gerações dos seculos esperados.

Fazei que seja breve este dia, para as preteritas gerações, não chorarem com a nossa fraqueza, e as viúdeiras, não chorem-se com a nossa humilhação; e finalmente para podermos evitar as suas blasphemias, no nosso regaço de luz, que, se em um momento foi ofuscada, em centenas d'outras, todo si lo esprevidada!

ILEGIVEL

## NOTICIAS.

**INSTRUCÇÃO PUBLICA.**—Foi concedido admissão pedida pelo Rvd. Moço Francisco da Frota, do cargo de inspector das aulas do 1.º

Foi tambem exonerado do cargo de professor adjunto da 1.ª cadeira de primeiras letras d'esta capital João Victor de Souza Costa.

**DIRETORIA DA INSTRUÇÃO PUBLICA.**—Actua-se interinamente no exercicio de director da instrução publica n'esta capital o Dr. José Lourenço de Castro Silva.

**LYCEU.**—Interrompeu a licençada 3 mezes que lhe ha concedida e reassumiu o exercicio de sua cadeira o distinto e illustrado lente de Geographia do lyceo d'esta capital, Dr. Felix José de Sousa Junior.

## COLLABORAÇÃO.

## O VERDADEIRO PATRIOTA.

Para amar a patria com bem elevado sentimento, devemos comecar por não dar em nos mesmos nos cidadãos de que não tinha de cuidar, antes sim de honrar se. Ser molejador de religião e dos bons costumes, e amar dignamente a patria, são cousas incompativeis, quando o é ser alguem digno apreciador d'uma senhora a quem ama, e não reputar que tem a obrigação de lhe ser fiel.

Se um homem vilipendiar os altars, a santidade conjugal, a decencia, a probidade, e gritar «*Patria! Patria!*» não lhe dá credito, que é um hypocrita do patriotismo, um pessimo cidadão.

Não é bom patriota senão o homem virtuoso que sente e cumpre todos os seus deveres, e se faz cargo de os cumprir.

Nunca se confundirá, nem com o adulator dos poderosos, nem com o maligno aborrecedor de toda a autoridade: ser servil e ser irreverente são excessos iguaes.

Se estiver em empregos do governo militar, ou civil, o seu alvo não é a propria riqueza, mas sim a honra e a prosperidade do principe e do povo.

Se for cidadão particular, a honra e a prosperidade do principe e do povo são igualmente o seu vivissimo desejo, e nenhuma cousa, que se lhe opponha, obra elle, mas sim tudo o que pode contribuir aquelle fim.

Bem sabe que em todas as sociedades ha abusos, e anula que se vão corrigindo, mas aborrece o furor d'aquelles que quizessem corrigil-o com rapinas e sanguinarias vingancas; porque de todos os abusos estes são os mais terriveis e funestos.

Não invoco, nem succito dissensos civis; é mesmo moderador com o exemplo, e com as palavras, quanto pode dos exagerados, factor d'indulgencia e de paz. Não cessa de ser cordi-ro senão quando a patria em perigo ha mister de ser defendida.

Então torna-se um bravo: combate e vence, ou morre.

J. . .

## ATTENÇÃO.

## O QUANTO SOU INFELIZ.

Foi mais uma illusão de minha fronte

—Besa que desbotou,

Uma estrella devida e de futuro,

Que rio... e desmaiou!

(*Alcurez do Azeredo*).

Ha entes neste mundo, que nascem já com a sina de infeliz, eu fui assim!

Minha infelicidade principiou desde, o dia em que, não podendo conservar dentro em meu peito uma paixão cega, e louca, que tinha á uma joven presta que na flor de minha idade lhe dediquei o meu coração!

Foi no dia 7 de setembro de 1831, pelas duas horas da tarde, que abri espago ao meu infortunio!

Sim, sou um dos entes mais infelizes, porque, não posso deixar por uma vez, aquella a quem tanto amo:

assim sofferei esse martyrio horrendo, em quanto não baixar a urna!

Seu infeliz, porque não deixarei já mais essa mulher, que abjurando os laços, que fortemente nos união, quebrou-os deixando aquelle desgraçado apertado tanto, que jamais desatiparar! Ah! perura! não queiras deixar mergulhada na mais profunda solidão, este miseravel, que ainda hoje tras impresso em seu peito a gloria amor!

Ingrata! não deixes aquelle que á tres annos trata o coração magoado por tua causa; por si sómente!

Não deixes aquelle, que tem arrostado combatas difficuldades sómente por teu respeito: por teu respeito sómente!

Abril de 67.

M.

## APPENDICES.

## A ORPHã.

M. A. P.

Era já quasi ao fim do posto  
N'um bello dia de agosto  
Queria a vida a brincar,  
Mas nos seus olhos, formosa  
Mostrava um que de saudosa  
E parecia não tem buscar.

Era orphã... pobrosinha!  
—Flor do anillo, sosinha  
Entre os espinhos a viver,  
Sem cavallo matutino  
Sem regato crystalino  
Sem sopros da briza ter!

A orphãzinha era só!  
Na fronte—o signal de dô  
Nos olhos—vago susto,  
E nos infantia brinquedos  
A sombra dos arvoredos  
Parecia alguem buscar!

As vezes os olhos llava  
No azul manto das ceos,  
E parecia querer ler  
Nelle os mysterios de Deus!  
E sorria... mas seu riso  
Era triste como a flor.

ILEGIVEL

Que murcha a falta d'ortalho  
Ou a mingna de calor.

Muitas vezes a vi frístie  
Como n'um vago seismar,  
E d'ella m'aproximando  
La ruas lances beijar,  
Mas elle logo, ligeira  
Corria p'los seus brinquedos:  
Alí estava contente  
A sombra dos arvoredos.

Eu a seguia e lastimava  
Sua sorte tão mesquinha  
Tão linda, tão engraçada,  
E ser no mundo sozinha!  
E n'essa idade querida  
Que só riso e encanto tem,  
Quando se gost os carinhos  
E os doces beijos de mãe!

Eu já quasi ao sol posto  
N'um bello dia de agosto  
Qu'era a vi lida a brincar,  
Mas nos seus olhos, formosa  
Mostrava um que de mechtosa  
E parecia alguém lá var.

#### CONSELHO.

... não lastimes teu fado.  
Nem a sorte moções eu não  
Qu' a mulher, este ente terrível  
Sou a causa de ti maldição.

A mulher é um ente volúvel  
Tem veneno no seu corpo  
Se nos lábios nos mostram sorriso  
Prometta não a d'engano.

Old mulier — a mulher insensível  
Teus curtos e não illusões  
Se nos lábios nos dizem fraqueza  
Dezengano mais tarde nos dão!

Todas ellas illudem os homens  
Com de amor estalado paixão,  
E q'poss ellas logem sorrimento  
Nos deixando em cruel prestação!

O amor da mulher é locura  
Que nos faz offasear a cruz  
Nos arratou o praser, a ventura  
Nos deixando em cruel offeção!

... ah! sorri, mais não ames  
Vita à esta mulher a versão.  
Não te illudas com rizes fingidos  
Nem com vozes de vil sedução!

#### O POBRE E RICO.

Não é a riqueza  
Do rico por cento.

Que faz-me baixar  
Como vil avarento.

Não é suas gallas,  
Nem inciao esplendor,  
Que faz-me tornar  
Um vil implorador.

Nem sua vaidade  
Me faz impressão,  
De pobre, que sou,  
Não posso-lhe pão.

Nem me baixarei  
Sté na lama tocar,  
Para da mão do rico,  
Uma esmolha tomar.

Sou pobre, sim;  
Mas sou vaidoso  
Do meu talheito  
Do pobre orgulhoso.

E jámais verei  
Meu orvalho rojado,  
Pelo pó das estradas,  
Rolando, ultrajado.

Os ricos, os ricos,  
Que dizem, portentos,  
Não passam senão  
De vis avarentos.

Por uma moeda  
Que leem, Assim,  
Deus, pôde amaldi.  
Dar duas a mim.

E então virei  
Do rico avarento,  
Bacilhe deixinho:  
— Tu abem sou portento!!!

Abril de 67.

E.

#### À M.

Surgistes esperança da minha vida  
— Afeição e amor!

Os brandos e delicias sentimentos  
— Que me deu o Senhor!

Amo na terra, um anjo, um cherubim  
— Como s'ama Deus nos céos.

Dei-lhe o meu coração, e assim vivo  
— Entre os praseres meus!

Es meu sonho doutrado no prozir  
— Imagem d' coração!

Em teu seio depósito, chorando  
— Minha humilde paixão!

E tu virgem, em meus olhos leses  
— O amor profundo!

E me destes assim como eu dei-te,  
— O teu amor no mundo.

E tuas tranças negras, freixas  
— Pelo seio cabidas!

Quantos projectos de amor e epidares  
— Vão n'ellas escondidas!

E teu collo... d'amor d'aprage notas,  
— De gozos sem fim!

Mas essas faces rubras, e formozas  
— Por que escondes assim?

Eu qu'iera de pôr de molhos  
— Meus protestos d'amor!

Para ao menos colher uma palavra  
— E agradecer ao Creator!

Abril de 67.

M.

Pedimos a um biltrezinho caveiro  
na rua F..... n. ... A..... de L.....  
que não ponha tão viziv! a sua la-  
mentavel gaipeirice; pois o rapaziço  
que no scenlo presente se diz fasci-  
nado pelas espreitadas luzes a-  
materias, nada mais é, senão um  
peripetico bandilhico, cheio de  
uma verdadeira veia de eulesia.

Por tanto pedimos a este calun-  
guinha de b. f. f. f. que encarte mais  
as suas visitas na rua Amélia, sob  
pena de não lhe sahirmos das an-  
cas.

O Espião.

Quando ámanha do dia refulge  
A sua luz de fugaz clarão  
Prateando os montes e valles  
Sinto alivios em meu coração.

Pois a noite com seu manto lúgubre,  
Só saudades, me vem des'ertar,  
Atando-me na mente encendida  
Os tormentos de quem sabe amar.

Pensamentos os mais longos e vagos  
Quer de mi, ego minha dor abrodo  
Mas tuas mãos qual vago que são,  
Não me quero senão espisar.

E tu, mas eu não meparecem  
Na noite, em treva envolvidos,

Qual espectro ethereo dos tumulos,  
Que de humano, se fazem fingidos.

E m'assutão, m'aparvão, e cospem  
Sobre mim que caio assombrado;  
E se tendo m'erguer anda vejo  
Os espectris a mim colgado.

E chegando, a ultimo esforço  
Uma arma empunho, me caio  
E se me alento, se brado e forcejo,  
Só o alivio que tenho é o desmaio.

E assim os tormentos da noite  
So aurora alivio lhe ofrece,  
E o pobre que tanto s'ffera  
A Deus envio uma prece.

Temos aqui certo meco  
Que tendo oculos de d'ator  
Proclama sua *intelligencia*  
Jalando-se de ser actor.

E para mais facilmente  
Esse tratante ser conhecido:  
Elle mette-se a gaito  
Sendo muí desenhabido.

Com sapatos de mulher  
Faz o andar presunçoso;  
Enchendo as ruas de pernas  
Pois é muito preguiçoso.

Tem uma sobrecasaca  
Nos jals d'ha dez annos  
Impollando d'homem de bem  
Com uma sacia de maganos.

De *bono oaro superior*  
Diz elle ter um correntão  
Talvez flado de algum tolo  
A custo de adafação.

Caloteia a todo mundo  
Com seus vis palavriados;  
Pois todos homens estupidos  
De palavriões são dotados.

Nada mais tenho a dizer  
Deste *bellu teatificante*;  
Que mais miupe vai ficando  
Sempre no officio constante.

## VARIEDADE.

### DIALOGO ENTRE DOIS AMIGOS.

E.—Oh! M. como vais?

M.—Bem como estais?

E.—O que ha de novo?

M.—O que ha de novo, é que, a crise actual nos ameaça fome, e quebradeira no commercio.

E.—E por que?!

M.—Por que! Ah! tens razão de não saber, não és do commercio e por isto não admira que não saibas.

E.—Não saiba o que? explica-te.

M.—A crise actual nos ameaça fome, por que os agricultores com estas designações, e recrutamento andão todos no mato como veados que se esbantião de tudo, até dos preços quando correm. Seus roçados estão muito verde. O arroz, o feijão e o milho, está tudo maduro;

A roça está grande, e verde que adentra.

E.—Segundo o que dizes não é possível que haja fome.

M.—Porém, não ha quem colha o arroz, o feijão, quem quebre o milho e nem quem arranque a roça; por consequencia o milho, os annuaes comen, a roça perde-se, o arroz e o feijão cahem.

E.—Logo tudo isto reduzido a expreção mais simples, dá em tudo se estragar, e para o futuro soffremos fome.

M.—Ou isto é logico, ou não ha logica no mundo.

E.—E o commercio porque sofre esta quebradeira.

M.—Ora, está claro, se os agricultores não trabalharem não pagão suas dividas aos nosso freguezes do centro, os nossos não nos podem pagar suas letras; elles não nos pagando, jamais nós poderemos pagar nossos compromissos aos nossos credores, e nós não os pagando elles sem a minima compachão nos abre a fallencia, e eis-os quebradinho da silva.

E.—E como vais tu, e os teus negocios com esta miseravel crise?

M.—Eu vou.....

E.—Oh! malditos filantes! quando o meu amigo ha contar seu estado do commercio, chega um filante e fila-lhe um charuto, e começa a dar sécca, até que me enfadei, despedi-me de meu amigo e voltando-me para o filante disse-lhe —até logo—

E.

## ADVERTENCIA.

Advertimos a todas aquellas pessoas que não nos quizer fazer a honra de assignar este jornal, tenham a bondade de devolve-la enquanto antes; do contrario serão considerados como assignantes.

A redação.

## ANNUNCIO.

### A SOCIEDADE

### UNIAO CEARENSE.

Por ordem do Illm. Sr. Presidente, são convidados todos os socios, para comparecerem domingo 7 do corrente as 11 horas na sala dos actos da sociedade, em sessão ordinaria para entere-se da mesma.

Salla dos actos da sociedade  
—UNIAO CEARENSE.— 7 de  
Abril de 1867

O 1.º Secretario.

Francisco Januario de Santiago.

## ATTENÇÃO!

### AOS SRS. ASSIGNANTES

DA

### LUNETTA. C

As pessoas que ainda se acham a dever as assignaturas da 3.ª serie da *Luneta*, tenham a bondade de mandar satisfazer-as quanto antes, porque nós não admittimos que se lica a—*Luneta*—a gagoza.

Imp.—por A. M. S. Vieira